

Valeria De Marco*

RESUMO: *O trabalho apresenta um mapa da reflexão teórica sobre a literatura de testemunho produzida em dois campos: o dos estudos sobre a “shoah” e o daqueles voltados para a literatura hispano-americana. A partir desse balanço, propõe três questões para debate no âmbito da crítica e da historiografia literárias, com o objetivo de esboçar alguns pressupostos para considerar uma significativa produção literária da “era dos extremos”.*

Palavras-chave: *Testemunho; Literatura; Século XX.*

Durante o ano de 1999, o debate sobre literatura de testemunho transpôs as fronteiras das revistas acadêmicas, andou em jornais e até mesmo em noticiários eletrônicos, às vezes tratado em prosa de crônica policial. Tanto no Brasil como em vários outros países, tal espaço nos meios de comunicação de massa foi aberto pelo filme *A vida é bela*, de Benigni, e pelo livro *Fragmentos*, de Benjamin Wilkomirski. Eles mobilizaram a atenção de um público amplo e de estudiosos do holocausto, pois colocavam em pauta a barbárie dos campos de concentração nazistas. Quanto ao filme, os comentários sempre discutiam a inadequação da proposta do diretor que consistia em transformar em comédia o pesadelo construído por Hitler e seus assessores. O livro trouxe outro tipo de questão. O texto, que tivera opinião positiva da crítica, que con-

(*) Dep. Letras Modernas – FFLCH/USP.

quistara amplo sucesso de público, que fora traduzido em muitos países, passou a ser considerado maldito, quando, no ano passado, revelou-se que seu autor havia fraudado sua identidade. Ele não estivera em campos de concentração e, portanto, não poderia ter escrito *Fragmentos*, cujo narrador apresenta o resgate de sua infância nos campos. A partir deste fato, a polêmica centrou-se em uma questão ética: quem tem legitimidade para narrar atrocidades cometidas pelos nazistas?

Assim, tangencialmente, andaram pela imprensa problemas relativos à literatura de testemunho e nem sempre foi possível encontrar debatedores mais atentos a perspectivas próprias dos estudos literários. O desejo de interlocução levou-me a escrever este texto, resenhando alguma bibliografia teórica e levantando algumas questões para discussão no âmbito da crítica literária. E neste, para nós que vivemos na América Latina, apresenta-se, como problema prévio, a inexistência de um diálogo entre os dois campos de reflexões teóricas já consolidados sobre a questão do testemunho: um seria o da análise da “shoah”, termo amplamente utilizado para substituir a palavra holocausto; outro seria o da crítica voltada para a interpretação de uma tendência da produção literária hispano-americana dos últimos trinta anos. Ambos inscrevem-se na concepção de literatura como “mimesis”. No entanto, desenvolvem indagações bastante diversas sobre as possibilidades de a palavra representar a realidade, formulando, no limite, hipóteses antagônicas de interpretação dessa forma narrativa.

No campo da crítica voltada para a literatura hispano-americana, cabe, primeiramente, apontar a existência de duas correntes de pensamento: uma seria a que emerge, na década de 80, a partir do testemunho de Rigoberta Menchu. Esta apresenta uma sólida sistematização e tem sido desenvolvida

no espaço universitário norte-americano ou em áreas a ele vinculadas. Outra corrente seria tributária da pauta sobre testemunho formulada pelos intelectuais reunidos no Jûri do Premio Casa de las Américas de 69. Façamos um esboço do perfil das duas correntes

Na primeira, cujos trabalhos de referência são obrigatoriamente os de Beverley e Sklodowska, há um consenso quanto a considerar que a reflexão sobre o testemunho inaugura-se com Miguel Barnet em 66, com a obra *Biografía de un cimarrón*. O perfil do texto literário seria a constituição do objeto livro como resultado do encontro entre um narrador “de ofício” e um narrador que não integra os espaços de produção de conhecimento considerados legítimos, mas cuja experiência, ao ser contada e registrada, constitui um novo saber que modifica o conhecimento sobre a sociedade até então produzido. Desenha-se o testemunho com traços fortes de compromisso político: o letrado teria a função de recolher a voz do excluído, do subalterno, do marginalizado, para viabilizar uma crítica e um contraponto à “história oficial”. O letrado –editor/organizador do texto- é solidário e deve reproduzir fielmente o discurso do outro; este se legitima por ser representativo de uma classe, uma comunidade ou um segmento social amplo e oprimido.

O conceito teria ganho impulso para designar um “gênero” quando, em 1970, passa a ser uma categoria do Premio Casa de las Américas. Os requisitos necessários para inscrição dos textos indicam critérios a serem considerados para avaliá-los: fontes de informação ou documentação fidedignas e qualidade literária. Uma considerável parcela da crítica entende a criação do prêmio “Testimonio” como uma ratificação do caráter institucional do gênero. Seria ele um projeto da Revolução Cubana, um estímulo à construção da verdadeira história de opressão da dominação burguesa na América Latina, feita a partir da experiência e da voz dos oprimidos. A literatura de testemunho praticada, teorizada e divulgada de forma militante por Barnet seria fomentada pelo poder institucional e teria conquistado a canonização.

Essa corrente propõe tópicos para construir uma definição de literatura de testemunho. Ela supõe o encontro de dois narradores e estrutura-se sobre um processo explícito de mediação que comporta os seguintes elementos: o editor/organizador dá forma ao discurso de um outro; este outro é um excluído das esferas de poder e saber na sociedade; este outro é representativo de um amplo segmento social ou de uma comunidade e, portanto, por sua história ser comum a muitos, ela é exemplar. Por serem estes seus pilares de estruturação, são considerados “pré-textos” os testemunhos imediatos -cartas, diários, memórias, autobiografias- bem como outros discursos não ficcionais -biografias, testemunhos etnográficos e historiográficos. Do convívio, no livro, de dois discursos – o do editor e o da testemunha- brotariam as tensões que configurariam o perfil literário do texto. Estas tensões se dariam entre o fictício e o factual, entre literariedade e literalidade, entre a linguagem poética e a prosa referencial. A partir dessas combinações, conformar-se iam dois grandes tipos de testemunhos mediatizados: o testemunho romanceado -o jornalístico e o etnográfico ou sócio-histórico- e o romance-testemunho ou o pseudo-testemunho.

Bastante mais aberta é a proposta tanto de definição do testemunho como a de interpretação para sua relevância feita por membros do Júri do Premio Casa de las Americas de 69 e que os levou a sugerirem a essa instituição a criação da categoria “testimonio” entre os gêneros do prêmio. A conversa, publicada somente em 95 na *Revista da Casa*, desenvolve-se em torno de certa perplexidade provocada pela leitura dos inéditos inscritos como romance naquele ano de 69, tão cheio de convulsões políticas na América Latina. Participavam da discussão: Ángel Rama, Isadora Aguirre, Hans Enzemberg, Noé Jitrik, Haydee Santamaría e Manuel Galich. Considerando que boa parte dos textos escapavam ao padrão do romance, o grupo ponderou que era possível constatar a existência de uma ampla e vigorosa tendência de tomar a prosa para narrar a experiência de participação em ações revolu-

cionárias. Havia ali uma forma nova que fazia um certo panorama do que acontecia no continente e que suscitava a necessidade de se pensar uma nova categoria para analisar aqueles textos. Propuseram a criação do “testimonio”.

Manuel Galich sistematizou a reflexão definindo o gênero pelo avesso: é diferente da reportagem, da narrativa ficcional, da pesquisa e da biografia. O testemunho difere da reportagem porque ele é mais extenso, trata com mais profundidade seu tema, deve apresentar uma qualidade literária superior e não é efêmero como a reportagem que se vincula à publicação em veículos periódicos. Distingue-se da narrativa ficcional, porque descarta a ficção em favor da manutenção da fidelidade aos fatos narrados. Afasta-se da prosa investigativa, na medida em que exige o contacto direto do autor com o ambiente, fatos ou protagonistas que constituem sua narração. O testemunho é diferente da biografia porque, enquanto esta escolhe contar uma vida por seu interesse de caráter individual e singular, aquele reconstitui a história de um ou mais sujeitos escolhidos pela relevância que eles possam ter num determinado contexto social.

Nas considerações do Jùri, pode-se novamente reconhecer a vinculação entre testemunho e compromisso político com as lutas sociais e até mesmo um discurso de contraponto à história oficial. No entanto, neste campo de pensamento, a figura do “outro” não é essencial e, caso o testemunho assim se apresente, não se restringe a concepção de outro a subalternos, iletrados ou excluídos dos espaços considerados legítimos produtores do conhecimento; pode-se falar de oprimido, mas este se identifica a opositor político à ordem vigente.

No meu entender, esta concepção da literatura de testemunho, por considerar uma grande flexibilidade quanto à forma do texto associada a uma natureza de experiências de aberto embate ideológico, abre a possibilidade de analisar uma tendência da produção literária latino-americana dos últimos trinta anos em um contexto mais amplo, que ultra-

passa os limites geográficos do continente e aproxima-a à geografia da barbárie praticada na nossa “era dos extremos”, tomando emprestado a expressão de Hobsbawm.

Ainda no meu entender, a concepção de literatura de testemunho formulada, a partir dos anos 80, na esfera universitária dos EUA, incorre em dois tipos de equívocos. Um é a insistência em normatizar a literatura de testemunho que, como toda forma, e talvez esta de maneira mais radical, jamais cabe em moldes. Está aí a história de todos os gêneros literários para colocar-nos em posição de alerta. Situaria o segundo equívoco na esfera da interpretação ideológica dessa extensa e intensa produção de literatura de testemunho na América Latina. Ao estabelecer um vínculo de causa e efeito entre uma suposta “canonização” do gênero testemunho e a criação desta categoria no Premio Casa de las Américas, essa corrente tende a simplificar a questão, pois atribui ao governo de Cuba um grande poder de intervenção na produção cultural de todo o continente e minimiza a força do acirrado combate ideológico que, com frequência expressasse em ações de violência e extermínio, apropriadamente traduzidas por Hobsbawm como a “era da catástrofe”: Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, ascensão do nazismo, Guerra Civil Espanhola, II Guerra Mundial, guerras de independência colonial, Guerra Fria, Revolução Chinesa, Revolução Cubana, Guerra do Vietnã e as tantas guerras abertas pelas ditaduras militares na América Latina nos anos 60 e 70. O desproporcional protagonismo atribuído à produção literária e ao governo de Cuba, além de indicar certa miopia dessa tendência da crítica literária hispano-americana, dificulta a reflexão sobre a inserção particular da literatura de testemunho dos últimos trinta anos da América Latina no mundo movente da literatura escrita pelos homens desta “era dos extremos”. Uso esta expressão para evitar a palavra mundial, desgastada, no meu entender, porque não traduz as rupturas, as novas faces da produção literária deste século. Entendo que padrões antes importantes para nosso

trabalho de análise, como nação, tradição ou língua pátria devem ser relativizados no nosso pensamento, como de fato foram relativizados no processo histórico do século XX. A babel das línguas nos campos de batalha e nos de concentração, sons crus de palavras ou balbuceios povoam os testemunhos destes tempos de barbárie sem fronteiras .

E barbárie e balbuceios levam-nos ao outro campo de produção teórica sobre o testemunho: o que deriva da “shoah”.

Para meu conhecimento de uma perspectiva teórica sobre literatura de testemunho derivada da reflexão sobre a “shoah” foram de fundamental importância alguns textos de Theodor Adorno, Georges Bataille, Maurice Blanchot, Shoshana Felman, Jeanne Marie Gagnebin e Arthur Nestrovski.

Duas indagações permeiam esse campo do pensamento: Como manter no horizonte ideais do humanismo depois dos campos de concentração de judeus construídos pelos alemães? Pode a literatura representar o mal?

Coloca-se, então, a necessidade de refletir sobre a tensão entre catástrofe e representação. Ela se presta à construção do conhecimento em outras áreas do saber, mas no âmbito dos estudos literários ela é essencial para esboçar o perfil da literatura de testemunho.

Para dimensionar o alcance da tensão é importante retomar o conceito de catástrofe. Ele está vinculado estreitamente à descrição da tragédia uma vez que é tomado como reviravolta, como virar de cima para baixo, apesar de que, como se sabe, na *Poética* de Aristóteles, que pauta o estudo dessa forma, a palavra catástrofe não aparece e a descrição do movimento do enredo é feita com a palavra “metabolé”,

transformação. Mas a palavra catástrofe, com o sentido de reviravolta, é amplamente usada para descrever a trajetória do herói trágico cujo destino é a ruína que se presta a restabelecer a possibilidade de volta a um ponto de equilíbrio da comunidade que o herói espelhava. Portanto, com esse sentido e nesse contexto, a palavra catástrofe acena para um movimento de possível recomposição, de reconstrução. No entanto, desde Êsquilo até Plutarco, a palavra catástrofe é usada com o significado de término e fim; em Heródoto, como verbo, significa aniquilar. Nessa medida ela aponta para o movimento de desaparecimento, de extinção, de aniquilamento, vale dizer, já não se abre qualquer possibilidade de recomposição, de ressurgimento.

É importante considerar essa distinção no uso da palavra para dimensionar os paradoxos que se impõem para a escrita do testemunho: Como narrar o horror dos campos de concentração, se os que o viveram inteiramente não sobreviveram para contar? Os que sobreviveram enfrentam o dilaceramento entre a culpa por ter sobrevivido e o imperativo ético da necessidade de narrar sem trair a verdade. Perante a barbárie da “shoah”, que desafia as formas de pensar, como conciliar no discurso a atitude de não desistir do conhecimento e ser fiel à natureza do vivido? A erupção do mal nas atrocidades do nosso tempo explodiram a crença na razão e a onipotência da explicação.

Assim, o testemunho tem que enfrentar a questão central das relações entre linguagem e violência. Ele tem que falar do que viu e do que se passou sem poder instalar-se no presente com a tranquilidade de referir-se a um passado, pois sua vivência não cabe no campo do finito, do acabado; ela escapa à compreensão porque está irremediavelmente marcada pelo movimento do trauma: sucessivas aproximações de narração ou evocação que padecem do adiamento em encontrar uma expressão. Escrever significa conviver com a

mudez, o domínio da língua e seus limites; criar um alinhamento entre a testemunha e o ouvinte, entre escritor e leitor para que o discurso seja forma de resistência ao recolhimento, ao silêncio e à morte. E aqui cabe lembrar a atitude de muitos sobreviventes dos campos que se negam a dar seu depoimento, como relatam historiadores, ou a de Jorge Semprún que, além adiar até 94 falar da fase de sua vida nos campos de concentração, ao escrever o livro, vacilou entre dois títulos: *La escritura o la vida* e o finalmente preterido – “la escritura y la muerte”.

O escritor interroga-se sobre a possibilidade de encontrar a expressão justa e a imagem adequada, sobre a representabilidade da palavra e os impasses de traduzir o vivido, de dizer o indizível. Repõe-se a noção do antigo tópico estético do “sublime” mas este não está mais no plano elevado do belo; está nos subterrâneos do horror. E, na busca por representá-lo, é necessário reproduzir o paradoxo entre a dimensão do instante da matéria narrada e a linguagem da permanência, a tensão entre passado e presente, a desconfiança em relação à estetização e à sintaxe explicativa, a contradição entre a ambiguidade e a literalidade, os impasses entre a poesia da imediatez ou o estilo do excesso de realidade e a escassez da sintaxe explicativa ou do espaço para o jogo da imaginação.

Pautando sobre essas bases a concepção da literatura de testemunho, esse campo da crítica permite dar a ela outra interpretação ideológica: aludindo à catástrofe, à destruição, essa produção literária seria um espaço de registro de uma história de exclusão. Portanto, essa interpretação do vigor da literatura de testemunho é antagônica à que subjaz na corrente desenvolvida na esfera dos estudos hispano-americanos nos EUA, que vê o testemunho como um espaço literário de inclusão do outro. Na raiz está a interpretação histórica de nossa época: o século XX seria uma história de inclusão ou de exclusão do outro?

Frente a este quadro, aqui certamente marcado pela esquematização de linhas gerais, entendo que a pauta aberta pela reflexão sobre a “shoah” oferece um terreno mais amplo para compreender a literatura de testemunho. Mas para explorá-lo penso ser preciso, por um lado, ampliar o horizonte e reconhecer o extermínio em muitos episódios da história do século XX, ocorridos em muitos países, e por outro, analisar e interpretar os textos literários com o empenho de descrever as formas particulares de estruturação de cada texto, para que se possa superar os tópicos caracterizadores genéricos, como trauma ou desconfiança quanto ao poder da palavra para capturar e representar a barbárie.

As leituras que venho fazendo de textos que resgatam momentos das ditaduras da América Latina e dos desastres decorrentes da Guerra Civil espanhola e da ditadura de Franco indicam a possibilidade de descrever formas de estruturação particulares da literaturas de testemunho. No entanto, para a realização deste trabalho, apresentam-se ainda algumas questões gerais. Uma consiste na necessidade de relativizar a cadeia entre pátria, língua materna e tradição literária nacional, bastante cristalizada na historiografia. Considere-se, por exemplo, a inserção de Jorge Semprún: um cidadão tão espanhol que chegou a ser ministro da cultura de Felipe González; sempre escreveu em francês; a censura franquista proibia a circulação de seus livros na Espanha e, depois da morte de Franco, ele continua escrevendo em francês. O resultado é previsível: é ele marginal na historiografia tanto da literatura espanhola como na da francesa. E, convenhamos, tal situação não decorre de parâmetros estéticos. No mesmo âmbito de relações enrijecidas da historiografia é preciso perguntar-se sobre outros autores e textos. *É isto um homem?* e outros textos de Primo Levi não seriam obras cuja ressonância se amplia se consideradas entre outros pares e

não à luz do neo-realismo italiano, época que lhe corresponde na historiografia? A mesma questão não se colocaria em relação às supostas tradições literárias de textos de grande vigor estético como *Campo francês*, de Max Aub, espanhol-francês, exilado no México, ou como *Rabo de foguete*, do nosso Ferreira Gullar, ou ainda como *Recuerdo de la muerte*, do argentino Miguel Bonasso?

Outro problema deve ser encarado no terreno dos estudos literários para explorar o campo de reflexão sobre a “shoah”: a clareza quanto à diferença entre vivência e experiência, pois a mistura dos dois conceitos estava na base do trajeto de excelente a péssima obra percorrido por *Fragmentos*. A fraude da identidade do autor é uma questão que pode ser julgada em muitas instâncias sociais, mas ela não pode ser determinante para a análise e interpretação do texto. A vivência da barbárie do século XX coube a alguns milhões de seres humanos; a experiência de extermínio é de todos nós. E penso que é a literatura que pode transmiti-la de maneira mais cabal.

No entanto, para que se possa, sem constrangimentos ou declarações de princípios, tomar a literatura de testemunho como objeto da crítica literária, é preciso explicitar uma outra questão que está vinculada a essa necessária distinção entre vivência e experiência. Trata-se de entender a tensão entre catástrofe e representação como um dado de composição da obra literária e não ceder ao imperativo, que vez por outra surge nos estudos sobre a “shoah”, referente à “impossibilidade” de representar a barbárie. Negar a representação é negar a natureza e a existência da literatura e dar a exclusividade ou a primazia da interpretação da experiência humana ao discurso conceitual das diversas áreas das ciências humanas. Este é um discurso aproximativo, que busca uma explicação. O texto literário não resgata nem explica o que foi aniquilado, mas traz na sua estruturação ecos de que algo se perdeu para sempre.

- ACHUGAR, H. "Historias paralelas/historias ejemplares: La historia y la voz del otro." In: BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo (Ed.) *La voz del otro: Testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. Número especial da *Revista de crítica literária latinoamericana*. Año XVIII, no 36, Lima, 2. semestre, p. 49-71, 1992.
- ADORNO, T. *Minima moralia*. Trad. Luis Eduardo Bicca. São Paulo: Atica, 1993.
- _____. "La crítica de la cultura y la sociedad" In: *Prismas*. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona: Ariel, p. 9-29, 1962.
- ANTELO, R. "Delectación morosa: imagen, identidad y testimonio." In: *Punto de vista*. Buenos Aires. Año XXII, n. 64, agosto 99, p. 32-6.
- ARRIGUCCI JR, D. "Gabeira em dois tempos" In: *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, p.119-39, 1987.
- AUB, M. "Conversación post mortem" In: RODRÍGUEZ PLAZA, Joaquina y HERRERA, Alejandra (Org). *Relatos y prosas breves de Max Aub*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, p.7-67, 1993.
- BATAILLE, G. *La littérature et le mal*. Paris: Gallimard, 1957.
- BEVERLEY, J. *Del Lazarillo al sandinismo*. Minneapolis, The Prisma Institute, p.170, 1987.
- _____. "Introducción" In: *La voz del otro: [...]* p. 7-18.
- _____. "El testimonio en la encrucijada" In: *Revista Iberoamericana*. Vol. LIX, n. 164-5, julio-diciembre 1993, p.485-507.
- _____. "Respuesta a Mario Cesareo" In: *Revista Iberoamericana*. Vol. LXII, n. 174, enero-marzo 1996, p. 225-33.
- BEZERRA DE MENESES, A. "Memória e ficção I (Aristóteles, Freud e a memória)" e "Memória e ficção II (Memória: matéria de mimese)" In: *Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise*. São Paulo: Duas Cidades, p. 131-41/ 143-60, 1995.
- BLANCHOT, M. *La escritura del desastre*. Trad. Pierre de la Place. Caracas: Monte Avila, 1990.
- BOSI, A. "A escrita do testemunho em *Memórias do Cárcere*." In: *Estudos avançados*. Vol. 9, n. 23, janeiro-abril 1995, p.309-22.
- CARR, R. "Re-presentando el testimonio: notas sobre el cruce divisorio primer mundo/tercer mundo." In: *La voz del otro: [...]* p. 73- 93.

- CORNEJO POLAR, A. "El indigenismo y las literaturas heterogeneas"
In: *Revista de crítica literaria latinoamericana*. Año II, no 3, Lima,
1er semestre, p.7-21, 1976.
- EPPLE, J. A. "Acercamiento a la literatura testimonial de Chile." In:
Revista Iberoamericana. Vol. LX, n. 168-69, julio-diciembre 1994,
p. 1143-175.
- FELMAN, S. e LAUB, D. *Testimony: literature, psychoanalysis, history*.
Londres: Routledge, 1991.
- _____. "Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino." In: *Pulsional*.
Revista de Psicanálise. Ano XI e XII, nos. 116-17, dezembro 1998/
janeiro 1999, p. 9-48.
- FLORES, L. "Ideología y cultura en la autobiografía chicana." In: *La
voz del otro: [...]*. p. 95-107.
- FRANCO, J. "Si me permiten hablar: la lucha por el poder
interpretativo." In: *La voz del otro: [...]*. p. 109-16.
- FREUD, S. *Psicanálise da guerra*. São Paulo: Editorial San Remo, s.d.
- GAGNEBIN, J. M. "Palavras para Hurbinek." In: *Pulsional*. [...] p. 49-
58.
- GOUREVITCH, P. "The memory thief" In: *The New Yorker*. 14/jun/
1999. p. 48-68.
- GULLAR, F. *Rabo de foguete. Os anos de exílio*. Rio de Janeiro: Revan,
1998.
- IZNAGA, D. *Presencia del testimonio*. La Havana: Editorial Letras Cu-
banas, p. 338.
- JAMESON, F. "De la sustitución de importaciones literarias y culturales
en el tercer mundo: el caso del testimonio." In: *La voz del otro: [...]*
p. 117-33.
- KEHL, M. R. "O sexo, a morte, a mãe e o mal." In: *Pulsional*. [...] p. 59-
68.
- KLEMPERER, V. *Os diários de Victor Klemperer. Testemunho clandesti-
no de um judeu na Alemanha nazista*. Trad. Irene Aron. São Paulo:
Companhia das Letras, 1999.
- LEVI, P. *É isto um homem?*. Trad. de Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco,
1988.
- _____. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. de Luiz S. Henriques. Rio
de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Le-
tras, 1997.

- _____. *Se não agora, quando?*. Trad. de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MOORS, X. "Para una arqueología del testimonio: el rol de la Iglesia Católica en la producción textual (1973-1991)" In: *Revista Iberoamericana*. Vol. LXII, n. 176-77, julio-diciembre 1996, p. 1161-1176.
- NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. "Apresentação" In: *Pulsional* [...] p. 3-7.
- _____. "Vozes de criança" In: *Pulsional* [...] p. 85-97.
- PÁL PELBART, P. "Cinema e holocausto" In: *Pulsional* [...] p. 98-107.
- RAMA, A.; AGUIRRE, I.; ENZENSBERGER, H. M.; GALICH, M.; JITRIK, N.; SANTAMARÍA, H. "Conversación en torno al testimonio" In: *Casa de las Americas*. Año XXXVI, n. 200, La Havana, julio-septiembre 1995, p. 122-25.
- RANDALL, M. "¿Qué es y cómo se hace el testimonio?" In: *La voz del otro*: p. 21-45.
- ROBERT MORAES, E. "A memória da fera: as representações do mal segundo Georges Bataille." In: *Pulsional* [...] p. 69-74.
- ROIG, M. *Els catalans als camps nazis*. Barcelona: Edicions 62, 1977.
- SELIGMANN-SILVA, M. "A história como trauma" In: *Pulsional* [...] p. 108-27.
- SEMPRUN, J. *La escritura o la vida*. Trad. Thomas Kauf. Barcelona: Tusquets Editores, 1995.
- SKLODOWSKA, E. "Miguel Barnet: hacia la poética de la novela testimonial" In: *Revista de crítica literária latinoamericana*. Año XIV, n. 27, Lima, 1er semestre, p. 139-49, 1988.
- _____. *Testimonio hispano-americano. Historia, teoría, poética*. New York, Peter Lang, p. 219, 1991.
- _____. "Testimonio mediatizado: ¿Ventriloquía heteroglosia? (Barnet/Montejo; Burgos/Menchú)" In: *Revista de crítica literária latinoamericana*. Año XIX, n. 38, Lima, 2. semestre 1993, p. 81-90.
- SMORKALOFF, P. "De las crónicas al testimonio: sociocrítica y continuidad histórica en las letras latinoamericanas." In: *Nuevo texto crítico*. Año IV, n. 8, 2. semestre 1991, p. 101-15.
- SOMMER, D. "Sin secretos." In: *La voz del otro*: [...] p. 135-53.
- STEELE, C. "Testimonio y autoridad en *Hasta no verte Jesús mio* de Elena Poniatowska" In: *La voz del otro*: [...] p. 155-80.
- TENÓRIO DA MOTTA, L. "Céline diante do extremo" In: *Pulsional* [...] p. 75-84.

- VERA LEÓN, A. "Hacer hablar: la transcripción testimonial" In: *La voz del otro*: [...] p. 181-99.
- WALTER, M. "El cimarrón y una cimarronada: nuevos motivos para rechazar un texto y de la forma como este se nos impone." In: *La voz del otro*: [...]. p. 201-05,
- WILKOMIRSKI, B. *Fragmentos. Memórias de uma infância (1939-1948)*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- YUDICE, G. "Testimonio y concientización" In: *La voz del otro*: [...] p. 207-27.
- ZIMMERMAN, M. "El otro de Rigoberta: Los testimonios de Ignacio Bizarro Ujpan y la resistencia indígena en Guatemala." *La voz del outro*: p. 229-43.

ABSTRACT: *This paper surveys the theoretical reflection on testimony literature produced in the area of "shoah" studies and in the one of Hispanic literature. As a result of this overview, three questions are raised for discussion within the realms of criticism and literary historiography, aiming at making some assumptions in order to investigate a significant form of literary production of the "age of extremes".*

Keywords: *testimony; literature; XX century.*